

**PENSANDO O CORPO TRAVESTIDO E  
TRANSEXUALIZADO NO ESPORTE:  
uma análise da película *Beautiful Boxer***

Paula Nunes Chaves<sup>1</sup>  
Allysson Carvalho de Araújo<sup>2</sup>

---

**RESUMO**

Refletimos o esporte enquanto espaço importante para a construção de formas de ser e identidades sexuais, um local de sociabilidade no qual se desenvolvem incontáveis combates de pertencimento sexual. Nesse sentido, este ensaio objetiva refletir sobre a película *Beautiful Boxer* (2004), tecendo apontamentos a respeito dos sujeitos de sexualidade e gêneros desviantes do padrão heteronormativo (gays, travestis, transexuais) no esporte a partir da história do lutador de boxe transexual contada pelo filme, que rompe a imagem tradicional do homem viril e másculo como única possibilidade para um boxeador. Ao mostrar um lutador que transita entre uma condição corporal musculosa e ao mesmo tempo delicada, capaz de movimentos de extrema força e gestos delicados no ringue, o filme descentra as marcações de gênero clássicas e noções binárias do masculino e do feminino, que polarizam força e delicadeza no esporte e nos faz pensar no esporte a partir de uma configuração *queer*.

**Palavras-chave:** Corpo; Gênero; Boxe

---

---

1 Mestranda em Educação Física. UFRN, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil.  
E-mail: paulinha\_nunes3@hotmail.com

2 Doutor em Comunicação. Docente do Departamento de Educação Física da UFRN, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: allyssoncarvalho@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Ao principiar este escrito refletimos o esporte enquanto espaço importante para a construção de formas de ser e identidades sexuais, um local de sociabilidade no qual se desenvolvem incontáveis combates de pertencimento sexual. Nesse sentido, atentamos para o fato de que este fenômeno da modernidade se caracteriza histórica e culturalmente como um dos lugares principais da expressão e conservação do modelo tradicional de masculinidade (DUNNING; MAGUIRE, 1997). No entanto, na atualidade, esse protótipo ideal e aceitável de comportamento masculino coexiste com demandas como a entrada cada vez mais efetiva das mulheres na fortaleza masculina do esporte, bem como com a expressão de diversos graus de masculinidades e feminilidades de sujeitos gays, lésbicas, travestis e transexuais que ousam dismantelar a lógica de um sistema esportivo balizado nas lógicas heteronormativa e machista.

Quando nos reportamos a alguns esportes específicos como, por exemplo, o boxe, o futebol, o *rugby*, dentre outros, percebemos que esse panorama torna-se ainda mais complexo. Essas práticas de combates e contatos físicos que pressupõem força e agressividade funcionam como uma espécie de santuário sacralizado da masculinidade e virilidade tradicionais, de forma que as expressões de feminilidade de sujeitos que desviam do padrão de normatividade sexual e de gênero não são aceitáveis, sendo escanteados para uma margem longínqua do alto rendimento e relegadas ao estigma.

Se centrarmos nossa atenção no universo das lutas e do boxe, encontraremos uma associação clara dessas práticas com a virilidade tradicional, isso porque o

boxe produziu e difundiu imagens ligadas à masculinidade e “[...] Se em sua origem o esporte é uma prática social especialmente masculina, o boxe aparece como expressão hiperbólica dessa afinidade” (MELO e VAZ, 2009, p. 105). Exemplos dessa afirmação não são raros, a própria representação deste esporte no mundo cinematográfico nos prova a estreita relação dele com um determinado modelo construído de comportamento masculino, evidentes em produções norte americanas como *Touro Indomável* (1980) e a série *Rocky Balboa*. O primeiro filme, cujo nome já sugere bravura e virilidade, foi ganhador de algumas estatuetas do oscar e conta a história de Jake LaMotta, lutador de boxe violento, cujo corpo musculoso é reduto da masculinidade e virilidade clássicas bem como da heterossexualidade como norma. A narrativa de *Rocky Balboa* também segue nessa direção e segundo Araújo (2012) confirma o arquétipo do homem, forte e viril, associado ao esportista exemplar de forma que em todas as películas da série não existem questionamentos a respeito dessa imagem máscula e campeã do personagem principal. Ainda nesse contexto de produções estadunidenses emblemáticas para pensar a relação entre gênero e boxe, destacamos a película *Menina de Ouro* (2004), ganhadora de quatro premiações do Oscar e que de acordo com Chaves e Araújo (2013) constitui um marco na representação Hollywoodiana do gênero no boxe por apontar e problematizar o descrédito da figura da mulher nesse cenário tradicionalmente masculino, rompendo ainda com um arquétipo de feminilidade clássica ao visibilizar uma mulher com arquitetura corporal musculosa e viril nesse espaço.

Ao centrarmos a atenção na constituição dessa imagem tradicional do corpo

musculoso e viril no boxe, é importante apontar que a construção do corpo masculino clássico não se configura enquanto contraste somente com o corpo feminino, mas se constrói também na disparidade com corpos de outros homens através de uma negociação de parâmetros que se fazem ou não presentes e que são definidores da virilidade. Nesse sentido, “os pugilistas não são femininos, homossexuais, dóceis, seus gestos são típicos dos machos (um tanto grosseiros)” (MELO e VAZ, 2009, p.133), eles expressam um modelo de performance esperada e aceita para os homens, com posturas corporais rígidas e uma arquitetura corporal muscularmente potencializada.

É justamente na contramão desse padrão de comportamento corporal masculino no boxe que a película em tela nesse estudo caminha. *Beautiful Boxer* (2004) é uma produção cinematográfica Tailandesa do ano de 2004 que conta a história real do campeão transexual de boxe tailandês e segue uma direção diametralmente oposta dos *Blockbusters Hollywoodianos*, rompendo e rejeitando a imagem tradicional do homem viril e másculo como única possibilidade para um lutador de boxe. O drama, dirigido por Ekachai Uekrongtham tem duração de 114 minutos e narra a trajetória do personagem Nong Toom, lutador de boxe Tailandês que acredita estar preso a um corpo masculino, desejando tornar-se mulher. Na vida real, o lutador tailandês chamado Parinya Charoenphol, cujo nome coloquial é Nong Toom, nasceu em uma comunidade pobre, ingressando no mosteiro ainda criança, como também nos mostra a película. Parinya adentra no mundo do esporte e se torna um dos boxeadores mais famosos e controversos da história da Tailândia por afirmar-se transexual e

lutar maquiado no ringue. Ganha grande notoriedade ao vencer uma luta em 1998 no Estádio Lupini (lugar emblemático para o boxe tailandês). Em 1999, quando tinha apenas 17 anos anuncia sua aposentadoria dos ringues, realizando a cirurgia de mudança de sexo e tornando-se modelo e atriz. Por compreender a força e a subversão desta história verídica narrada pelo filme, este ensaio objetiva apresentar a película em questão, tecendo comentários e apontamentos a respeito dos sujeitos de sexualidade e gêneros desviantes do padrão heteronormativo (gays, travestis, transexuais) no esporte na atualidade a partir da história do lutador de boxe travesti contada pelo filme.

Antes de iniciar tais apontamentos, torna-se necessário diferenciar o boxe de origem ocidental do boxe tailandês, tendo em vista que é esta última modalidade a retratada pela película. Nessa direção, como nos aponta Passos et al (2014, p.1154) “O Muay Thai ou Boxe Tailandês é uma arte marcial de origem oriental também conhecida por ‘luta das oito armas’, uma vez que envolve golpes de contato que utilizam ambos os punhos, cotovelos, joelhos e canelas.” E é nesse ponto que reside a grande diferença em termos de golpe para com o boxe, no qual não se permite a utilização de cotoveladas e joelhadas. Resguardadas as diferenças e semelhanças nos golpes e na história, as duas manifestações de combate carregam processos de generificação bem como questões referentes ao corpo e à sexualidade de seus praticantes que precisam ser problematizadas. Na Tailândia, por exemplo, as mulheres não podem lutar o boxe Tailandês, e por esse motivo Parinya Charoenphol ao realizar a cirurgia de redesignação sexual, tornando-se mulher, aposentou-se dos ringues na Tailândia.

### A história de transformação do corpo em *Beautiful Boxer*: gênero e boxe

Em uma de suas primeiras cenas, o filme nos brinda com a imagem de Nong Toom, uma bonita mulher que está prestes a contar a história de transformação de seu corpo e de sua vida quando ouve de uma atendente do estabelecimento em que se encontrava a seguinte frase: “*you were so violent, but now, you are so beautiful and you didn't change sex yet*”. Com tal discurso desde as primeiras cenas da película é possível pressupor a associação linear entre boxe, violência e masculinidade que vigora na sociedade, bem como pensar nas rupturas provocadas pela subversão da personagem principal. Essa subversão é nítida nessa cena através de um corpo extremamente forte, musculoso e viril coberto por um longo vestido vermelho e com um cabelo negro liso e longo. Essa cena nos dá a dimensão da subversão dos padrões de gênero causados pelo personagem que desde sempre carrega consigo a dubiedade de misturar características dos universos feminino e masculino, ditas opostas e inconciliáveis, inclusive no mundo esportivo.

É nessa direção que o personagem se aproxima de uma estética *queer*, tendo em vista que os sujeitos *queer* são aqueles de sexualidade desviante e corpos estranhos, excêntricos, raros que desafiam as normas de gênero e assumem a ambiguidade de expressar signos do masculino e do feminino em seus corpos (LOURO, 2013). Esse sujeito *queer* da película, que desde criança expressa signos do universo feminino, parecia estar distante de qualquer expectativa ligada ao boxe Tailandês. No entanto, de forma inesperada, o personagem entra pela primeira vez no ringue para defender

uma amiga e acaba vencendo a luta para surpresa de seus pais. Tal admiração pela vitória advém de uma subestimação que o sujeito desviante do padrão de gênero e sexualidade sofre no âmbito esportivo, como se este não fosse um lugar legítimo para esses sujeitos. Esse quadro de subestima está presente durante toda a película, e o preconceito para com o lutador que se traveste com signos do feminino se expressa de diversas formas, inclusive no discurso de sua mãe que dispara: “*I don't want you to fight again. You can be a fighter. Fighting is not for you.*” Esse discurso, dentre outros presentes no filme, evidenciam o quanto o boxe é um espaço generificado e legitimado da masculinidade tradicional e viril.

No entanto, contrariando esse quadro de subestima, o personagem decide começar a treinar seriamente porque deseja ser um bom lutador, conseguindo assim, ganhar dinheiro suficiente para realizar a cirurgia de mudança de sexo. Tal desejo é o que impulsiona o personagem em sua trajetória, como podemos observar em uma de suas falas: “*I knew I didn't want to live this life of fighting in the ring, but what else could I do? I was still far from being a woman enough for the operation.*” Começa então uma jornada de apropriação brilhante das técnicas do boxe tailandês, enxergando na mesma uma possibilidade de ganhar dinheiro para tornar seu sonho real, e reconhecer-se enquanto mulher. Noog Toom passa a fazer parte de um campo de treinamento e se viriliza ao ganhar uma potência muscular considerável. No entanto, o personagem não perde sua sensibilidade latente, perceptível em momentos como o que ele explica que beijava os adversários no rosto ao final das lutas como uma espécie de pedido de desculpas por não gostar de machucar estranhos.

Por mais que o personagem ganhe notoriedade por nocautear grande parte de seus adversários, o quadro de subestima para com ele permanece, sendo observada sempre a existência de uma desconfiança inicial do potencial de Toom que desaparece quando ele nocauteia os adversários. O próprio personagem chega a dizer que o boxe tailandês não é seu lugar e dispara: *“Ainda que eu seja assim, eu consegui”*, se referindo a vitória na luta na feira do templo<sup>3</sup> e à sua condição travesti. Esse fato deriva, como nos explica Costa (2013, p. 198) de uma “promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade.” E no caso específico do filme, o processo de subestimação do lutador ainda é maximizado no esporte pela utilização de adornos e maquiagens durante as lutas caracterizando-o cultural-

mente enquanto sujeito frágil e feminino, e, portanto, incapaz de ser eficaz no esporte.

Em oposição à todas essas expectativas e estigmas, Noon Toom vai se tornando um grande vencedor no boxe, misturando sensibilidade e força, características ditas opostas na divisão de gênero e que estão presentes simultaneamente no personagem subversivo. Nessa trajetória de subversividade aos padrões, inicia-se um processo de transformação corporal, primeiramente através da utilização de maquiagens, signos e adornos femininos durante as lutas. É pertinente destacar que em sua primeira luta usando maquiagem, Nong Toom causa risos na plateia que parece desacreditar na potência do atleta, até que o mesmo demonstra sua eficiência derrotando o adversário e os risos transformam-se em aplausos a partir da afirmação e validação de sua habilidade, competência e eficiência esportiva.



**Imagens 1 e 2** - Corpo masculino travestido de signos femininos no boxe  
**Fonte:** Cenas do filme *Beautiful Boxer* (EKACHAI UEKRONGTHAM, 2004)

3 Feira do templo na película refere-se ao evento no qual acontecem apresentações de performances e desfiles de mulheres, bem como lutas de boxe tailandês improvisadas com o intuito de identificar possíveis lutadores a serem lapidados.

Os apetrechos que adornam o corpo das imagens acima e cria uma estilística corporal dispare do esperado para o homem no boxe, nos faz pensar na construção de uma performance de gênero que mescla masculino e feminino e que, se desidentifica com o gênero dominante, sabendo que [...]“É legítimo para o queer reivindicar constantemente uma “política desidentificatória” a partir de si mesmo” (Camargo e Vaz, 2012, p.123).

Essas questões acima retratadas nos remetem ao conceito de “performativo” de Butler (2012), segundo a autora “Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2012, p.194). Nessa direção, essa construção de signos performativos desse corpo *queer* em constante metamorfose desafia as normas regulatórias de gênero no esporte, de modo que o universo esportivo que recentemente servia como lócus de desenvolvimento da força física, virilidade corporal e moral dos jovens, hoje assiste a um processo de feminilização do músculo e masculinização da doçura, possibilitando uma reinvenção e um deslocamento das tradições e diferenças (VIGARELLO, 2013).

No entanto, tais deslocamentos provocam estigmas, e um desses pode ser visualizado na narrativa do personagem ao confidenciar que quanto mais maquiagem usava mais forte eram os golpes de seus

adversários, e então ele os golpeava com mais força ainda. Esse fato nos remete a pensar essa reação violenta dos adversários de Nong Toom como uma atitude de resistência ao afastamento de uma masculinidade tradicional no esporte, que subverte e desmantela o esperado para um homem musculoso, e que, portanto, pode causar raiva e repulsa de um corpo que mescla potência muscular com características e gestualidades femininas, sendo viril e eficiente, privilégios que eram reservados somente àqueles que afirmavam em seus corpos condutas e signos da masculinidade tradicional.

Nesse sentido, a figura do boxeador travesti além de causar risos, provoca em seus adversários um desconforto e uma espécie de sentimento de ira, raiva de alguém que ousa subverter a imagem de “homem de verdade” presente nos ringues de boxe. Tal assertiva é notória numa frase proferida por um de seus adversários antes da luta começar: “*Prepare-se para morrer seu veadinho!*”. O personagem sempre responde às provocações nas lutas com golpes fortes, rápidos e indefensáveis, provando que pode ser viril ao mesmo tempo em que incorpora características e objetos do universo feminino.

Em meio a esse processo, acontece uma das principais lutas de sua carreira no templo do boxe<sup>4</sup> na Tailândia. O filme ao mostrar toda a cobertura midiática da luta, enfatiza a entrevista dada por Toom, na qual uma repórter questiona o que ele tem a dizer ao seu adversário Anaconda, que

4 No filme, o templo do boxe tailandês refere-se ao Estádio *Lupini*, palco histórico de grandes disputas e eventos do boxe tailandês. Lutar neste espaço é motivo de honra e orgulho para lutadores e treinadores, bem como local de visibilidade e notoriedade.

por sua vez afirma que vai mostrar como se luta de verdade. E mais uma vez aparece a categoria “homem de verdade” na própria resposta de Toom: “*Diga a ele para não se distrair com minha maquiagem Esse lutador travesti já derrotou 18 homens de verdade nas últimas 22 lutas*”. Nesse sentido, Tamagne (2013) afirma que homossexual ainda é visto como o sujeito que falhou em sua virilidade, ou seja, o sujeito que não é másculo ou suficientemente viril para o mundo esportivo, sendo desacreditado. Podemos inferir que essa falha na masculinidade descaracteriza o sujeito como alguém que não é homem de verdade. No entanto, contrariando as expectativas dos torcedores Toom vence Anaconda, deixando-os incrédulos, validando uma masculinidade não-hegemônica no esporte.



**Imagem 3** – Golpes fortes e eficientes deferidos por um corpo masculino não tradicional

**Fonte:** Cenas do filme *Beautiful Boxer* (EKACHAI UEK-RONGTHAM, 2004)

Nesse sentido, a película ao mostrar um sujeito de sexualidade desviante do padrão, e com uma performatividade gestual e corpórea atrelada e adornada com o feminino, proferindo golpes com extrema força,

técnica e virilidade, vencendo homens viris e másculos em suas formas clássicas, acaba por romper com a representação cultural de que a delicadeza da representação do feminino afetaria a competência do esportista gay ou de sexualidade e gêneros desviantes do padrão.

Ao caminhar para o final de sua trajetória no boxe, para além de maquiagens e adornos, o corpo musculoso e forte de Toom começa a transformar-se biologicamente pelo uso de hormônios femininos. Nesse processo de transformação ele vai perdendo gradativamente sua força enquanto seios e cabelos começam a crescer modificando também sua forma de vestir-se inclusive nas lutas, fazendo-se necessário a utilização de peças de roupa que cobrissem seus seios. Esse processo de transformação nos mostra o quanto a masculinidade pode ser uma identidade frágil e instável, convivendo com outras demandas diversas e outras identidades que compõem de forma complexa o sujeito (COSTA, 2013).

A partir dessa transformação corporal visível no corpo do lutador, os jogos de gênero na película se fortificam, encontrando seu ápice na luta final apresentada, na qual Noog Toom já utiliza sutiã e top no ringue para esconder seus seios. O grande evento esportivo acontece no Japão e possibilita o encontro da *princesa do boxe tailandês* com a *mulher selvagem*. Nessa luta, Toom enfrenta a mulher mais forte do mundo e é comparado com Rocky de rímel, fazendo referência a série de filmes Rocky Balboa. Esse evento nos leva a refletir sobre a comparação objetiva, característica do esporte moderno que divide as competições esportivas nas categorias masculina e feminina. Essa luta entre um representante do boxe tailandês e uma lutadora

Greco-romana embaralha essas categorias de gênero no esporte, e é descrita na película como uma batalha acirrada dos sexos, um combate entre dois esportes e dois gêneros, uma mulher selvagem e um menino moça arrasador que desconstroem a lógica que baliza a construção esportiva moderna, ao dar visibilidade a um sujeito em plena transformação corporal e sexual, no entanto ainda anatomicamente masculino competindo com uma mulher.

Ao centrarmos a atenção nas questões da comparação objetiva no contexto atual a partir da película, encontramos uma discussão desafiadora no esporte moderno a respeito dos atletas *trans*, que assim como o lutador do filme em tela nesse estudo, transitam entre o masculino e o feminino. Quando retornamos um pouco no tempo, percebemos que estas situações que eram impensáveis há algumas décadas atrás tem se tornado recorrentes no âmbito esportivo profissional na atualidade graças aos avanços tantos científicos quanto sociais de garantia de direitos que permitem que cada vez mais se realizem cirurgias de mudança de sexo.

Essas diversas formas de existir corporalmente no âmbito esportivo, tem possibilitado reflexões acerca da classificação ou categorização desses sujeitos em competições de alto nível tendo em vista que a grande maioria dos esportes praticados a nível mundial estão separados por gênero devido à questões relacionadas com a igualdade de vantagens biofísicas e atributos físicos como, por exemplo, a força (TEIXEIRA, 2011). Nesse sentido, o sujeitos intersexo ou transexuais como Nong Toon, embaralham as fronteiras de gênero e sexualidade, e por conseguinte, as fronteiras que dividem essas categorias masculinas e

femininas no âmbito do esporte moderno, evidenciando que as divisões binárias do sexo biológico (homem e mulher), as orientações sexuais (hetero e homo), bem como a identidade de gênero que opõe masculino e feminino, já não são mais suficientes para compreender as questões colocadas pelos corpos *queer* na contemporaneidade (CAMARGO; VAZ, 2012).



**Imagem 4** – A travessia do corpo no esporte

**Fonte:** Cenas do filme *Beautiful Boxer* (EKACHAI UEKRONGTHAM, 2004)

Esses sujeitos ambíguos e subversivos, travestis ou transexuais, que estão cada vez mais presentes no cenário esportivo mundial, travam inúmeras batalhas sociais e rupturas culturais de gênero, recorrendo, às vezes, ao âmbito judicial para acessar e permanecer no esporte competitivo de alto nível. E ao criarem “identidades sociais não facilmente classificáveis como masculinas ou femininas” (DAVI et al, 2010, p.64), desnaturalizam os gêneros, e a ambivalência de seus corpos e identidades geram cada vez mais reflexões e discussões sobre a divisão corpo-gênero no mundo esportivo.

Camargo e Rial (2009) ao versarem sobre as práticas esportivizadas desses sujeitos *queer*, gays, travestis ou transexuais,

nos falam que eles fazem emergir e aflorar um cenário indefinido e vasto de questões e problemáticas, que não encontram respostas ou resoluções no atual arranjo esportivo balizado pelas lógicas heteronormativas. Sendo necessário ao mundo esportivo se reconfigurar com essa conjuntura de diversidade e ambiguidade no tocante a nova arquitetura de corpos e gêneros que desenham a todo instante na instabilidade da pós-modernidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As problematizações e discussões tecidas neste escrito precisam alcançar efetivamente o espaço de produções e reflexões acadêmicas da Educação Física que parece se isentar de sua responsabilidade social e cultural em pensar esses corpos subversivos e as práticas esportivas desses atletas gays, transexuais e travestis no sentido de ampliar as compreensões das diversas formas de expressão de masculinidades e feminilidades no mundo esportivo. É nessa direção que filmes como *Beautiful Boxer* podem nos auxiliar nesse processo de reflexão ao nos apontar noções clássicas de gênero e suas rupturas no esporte, jogando com a comparação objetiva e nos levando a pensar sobre o cenário esportivo mundial de alto nível e sobre uma possível reconfiguração deste com a emergência de corpos ambíguos e subversivos no gênero e na sexualidade.

Ao mostrar um lutador que transita entre uma condição corporal musculosa e ao mesmo tempo delicada, capaz de movimentos de extrema força e gestos delicados no ringue, o filme descentra as marcações de gênero clássicas e as noções binárias do masculino e do feminino, que

polarizam força e delicadeza no esporte e nos faz pensar no esporte a partir de uma configuração *queer*. O personagem mostra que delicadeza e virilidade podem coexistir, dismantando essa oposição clássica de gênero.

Nessa direção, a película em tela nesse estudo contribui para pensar e refletir sobre as relações entre corpo, gênero, sexualidade e eficiência no esporte ao romper com as lógicas de subestima para com os sujeitos gays, bem como com os padrões esperados para o sujeito masculino no boxe. E, por contar a história real e sensível de uma identidade em trânsito no esporte, a produção deve ser sempre visitada e revisitada, fazendo emergir questões e contribuindo para as discussões desses sujeitos *queer* no contexto esportivo atual e pós-moderno.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. C. **Elementos do pós moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo**. 2012. 153 f. Tese (Doutorado em Comunicação)- UFPE, Recife, 2012.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMARGO, W. X.; VAZ, A. F. De humanos e pós humanos – Ponderações sobre o corpo *queer* na arena esportiva. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **O triunfo do corpo: Polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- CAMARGO, W. X. RIAL, C. S. de M. Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna: notas antropológicas. **Cadernos de Pesquisa**

- Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v.10, n.97, p. 269-286, jul./nov. 2009.
- COSTA, T. Y. da. Tropa de Elite: Construção do Masculino e Heteronormatividade. In: BRAGANÇA, M. de; TEDESCO, M. C. (Orgs.). **Corpos em projeção: Gênero e sexualidade no cinema latino-americano**. 7 ed. Rio de Janeiro: Letras, 2013.
- CHAVES, P.N.; ARAÚJO, A. C. Million Dolar Baby: um marco na representação Hollywoodiana do gênero no esporte. **Revista Recorde**: Rio de Janeiro, v.6. n.2, p.1-13, jul./dez. 2013.
- DAVI, E. H. D.; BRUNS, M. A. de T.; SANTOS, C. Na batalha: história de vida e corporalidade travesti. **Cronos**: Natal, V.2, n.2, p.63-78, 2010.
- DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no Esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.5, n.2, p.321-348, 1997.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MELO, V.A., VAZ, A.F. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e a questão da construção da masculinidade. In: **Esporte e cinema: novos olhares**. Org. Melo, V.A, Drumond, M. Ed. Apicuri, 2009.
- PASSOS, D.A. et al. As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento**: Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1153-1173, jul./set. 2014.
- TAMAGNE, F. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). **História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, v.3.
- TEIXEIRA, R. O. Efeitos Jurídicos da Transgenitalização sobre as Relações Jurídicas e Proteção dos Direitos Individuais. 2011. 30f. Monografia (graduação em Direito) - Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- VIGARELLO, G. Virilidades esportivas. In: COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). **História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, v.3.

---

**THINKING THE BODY TRANVESTITE AND TRANSEXUAL IN SPORT: a analysis of the film *Beautiful Boxer***

---

**ABSTRACT**

We reflect the sport as a important space for constructions of ways of being, a place of sociability that develop countless fights of sexual identities. In such context, this paper aims to reflect on the film *Beautiful Boxer* (2004), making notes about the subject of sexuality and genres deviant of standard heteronormative (gays, transvestites, transsexuals) in the sport from the history of the filme: a boxing fighter transsexual that breaks the traditional image of the virile and manly men how the only possibility for a boxer. By showing a fighter who moves between a muscular body condition and delicate at the same time, capable of extreme force movements and delicate gestures in the ring, the film decentralizes the markings of classic genre and binary notions of masculine and feminine, that polarize strength and delicacy in the sport and makes us think about the sport from a queer approach.

**Keywords:** Body; Gender; Boxing

---

**PENSANDO EN EL CUERPO TRAVESTIDO Y TRANSEXUALIZADO EN EL DEPORTE: un análisis de la película *Beautiful Boxer***

---

**RESUMEN**

Reflexionamos el deporte como um espacio importante de construcción de formas de ser, un lugar de sociabilidad en que se desarrollan un sinnúmero de luchas de dentidades sexuales. En tal contexto, este trabajo refleja sobre la película *Beautiful Boxer* (2004), tejer notas sobre el tema de la sexualidad y los géneros desviadas de la norma heteronormativa (gays, travestis, transexuales) en el deporte con la historia del boxeador transexual contada en la película, que rompe la imagen tradicional de los hombres viriles como la única posibilidad de un boxeador. Al mostrar un luchador que se mueve entre una condición de cuerpo musculoso y delicado al mismo tiempo, capaz de movimientos de fuerza y delicados gestos, la película descentraliza las marcas de género clásico y nociones binarias de lo masculino y femenino, que polarización la fuerza y delicadeza en el deporte y nos hace pensar en el deporte con un enfoque *queer*.

**Palabras clave:** Cuerpo; Género; Boxeo

---

Recebido em: novembro/2014

Aprovado em: março/2015